

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

DANIELLY VALQUIRIA DE MELO BOTOSSO

MAPINGUARI: UMA HQ EM DEFESA DOS TERRITÓRIOS AMAZÔNICOS

BRASÍLIA
2024

DANIELLY VALQUIRIA DE MELO BOTOSSO

MAPINGUARI: UMA HQ EM DEFESA DOS TERRITÓRIOS AMAZÔNICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Graduação em Letras.

Orientador: Professor Doutor Pedro Mandagará Ribeiro

BRASÍLIA

2024

RESUMO: O objetivo deste trabalho é realizar uma análise interpretativa da graphic novel "Mapinguari" de André Miranda e Gabriel Góes, com foco em seu papel como ferramenta de sensibilização e conscientização sobre questões socioambientais. Para a leitura crítica, foi utilizado o livro "Uma Introdução Política aos Quadrinhos" de Moacy Cirne, que discute a necessidade de os quadrinhos serem politicamente engajados. A pesquisa também incorporou teorias de outros especialistas em quadrinhos para compreender como a HQ, além de seu valor estético e narrativo, destaca a luta das comunidades extrativistas e indígenas para preservar suas terras e culturas frente às ameaças de desmatamento e exploração. O trabalho utiliza conceitos de Stuart Hall sobre identidade cultural para analisar como a HQ contribui para o reconhecimento e valorização das identidades locais, destacando a construção cultural e discursiva das subjetividades das comunidades amazônicas.

Palavras-chaves: quadrinho, amazônica, mapinguari, política.

ABSTRACT: The objective of this work is to conduct an interpretative analysis of the graphic novel "Mapinguari" by André Miranda and Gabriel Góes, focusing on its role as a sensitization and awareness tool on social-environmental matters. The critical reading was guided by Moacy Cirne's book "Uma Introdução Política aos Quadrinhos", as it discusses the need of comics being politically engaged. The research also incorporated theories by other graphic novel specialists to comprehend, beyond its aesthetic and narrative value, highlights the struggle of extractive and indigenous communities to preserve their lands and cultures in the face of deforestation and exploitation threats. The study makes use of Stuart Hall's concepts of cultural identity to analyze how the comic contributes to the recognition and appreciation of local identities, emphasizing the cultural and discursive construction of the subjectivities of Amazonian communities.

Keywords: comic, amazon, mapinguari, politics.

Neste trabalho, buscaremos construir uma análise e interpretação da HQ Mapinguari, escrita por André Miranda, diretor de fotografia e roteirista de cinema, e ilustrada por Gabriel Góes, quadrinista e artista plástico. A HQ aborda, como pilares temáticos, a mobilização das associações extrativistas e a autonomia na negociação da produção com cooperativas e empresas, as questões das queimadas, do desmatamento e o assédio dos latifundiários sobre os extrativistas,

além de tratar das complexas relações interpessoais entre os personagens. A obra destaca a importância dos moradores das Reservas Extrativistas (Resex), especialmente a juventude, na representação e defesa dos territórios da floresta amazônica.

Os quadrinhos, enquanto prática significativa repleta de valores simbólicos, constituem uma forma de expressão profundamente entrelaçada com questões políticas em múltiplos aspectos. Buscamos revelar como a HQ aborda e reflete questões políticas, sociais, ambientais e bioeconômicas, e como essas questões são representadas e discutidas dentro da trama e dos diálogos dos personagens.

A escolha do quadrinho foi motivada por razões pessoais. Conheci a HQ enquanto participava do projeto Vivência Amazônica, coordenado pelo Núcleo de Estudos Amazônicos (NEAz) da Universidade de Brasília (UnB). Esse projeto visa aproximar os participantes das realidades e causas amazônicas e promover intercâmbio científico, técnico e cultural. Em 2023, durante a Semana Chico Mendes em Xapuri, o quadrinho foi apresentado em Rio Branco como parte da programação do evento. A Vivência Amazônica 2023, durou 22 dias contemplando visitas a uma diversidade de locais, como a terra quilombola Forte Príncipe da Beira, a Base da Fundação Nacional do Índio (Funai) de Proteção Etnoambiental Bananeiras no interior da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, os Povos Indígenas Gavião Ikolen, a Resex Rio Ouro Preto e a Cooperativa RECA em Rondônia, nos seringais Dois Irmãos, Icuriã e Porongaba no Acre, a comunidade rural Ipixuna e a comunidade ribeirinha Paraisinho no Amazonas, a comunidade Trincheira em Cobija na Bolívia e uma breve passagem em Iñapari no Peru.

A produção do quadrinho Mapinguari teve início em 2015 e foi publicada inicialmente em preto e branco para a circulação pela WWF. Posteriormente, em 2021, foi publicada pela FTD em parceria com a WWF, narra a história do retorno de José ao seringal Santo Antônio, no interior do Acre. O jovem, que havia deixado a Resex para buscar educação na capital, permaneceu sem dar notícias à sua família por mais de dez anos. Ao ser questionado por sua mãe sobre a falta de comunicação, ele respondeu: "Pô, mãe, até daria, mas vocês vivem nesse fim de mundo que nem celular pega." (GÓES e MIRANDA, 2021, p.19). Seu retorno ocorre sob o pretexto da doença de seu pai, líder da associação do seringal. Conversando na varanda ao entardecer, Beto, o irmão mais velho do protagonista, caçoa do presente que o caçula trouxe para o pai. O senhor grisalho então pede que o presente, uma televisão, seja levado para a escola, lugar que as crianças poderão assistir filmes. Colocando o papo em dia, falam ainda sobre a gravidez da filha de Beto, o

trabalho de José, a venda de borracha e derrubada da floresta para venda de terras. Enquanto a pessoa leitora ainda se deleita com as belas imagens da Resex, o diálogo na varanda, num requadro com a silhueta do protagonista rodeado de fumaça de cigarro, uma pergunta introduz de forma aparentemente inocente o tema principal da HQ. “Já tentaram comprar a nossa colocação?” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.27)

Segundo CIRNE (1982): “não existem quadrinhos inocentes, assim como não existe literatura inocente”, elas podem oferecer muito mais do que meras narrativas, estando imbuídas de conceitos sociopolíticos e culturais que moldam as percepções e opiniões de quem lê.

Este conceito é corroborado pelo pensamento de Bakhtin que destaca que o discurso é uma prática enunciativa profundamente conectada ao contexto social e à função do enunciador. Segundo Bakhtin, “a escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (Bakhtin, 2016, p.69). Assim, na HQ Mapinguari, cada elemento é deliberadamente escolhido para provocar uma resposta da pessoa leitora e fomentar a reflexão sobre práticas prejudiciais. A intencionalidade na construção da mensagem vai além do mero entretenimento, visa sensibilizar o público e incentivá-lo a adotar atitudes que promovam a preservação da floresta e o reconhecimento das lutas das comunidades amazônicas, buscando também, gerar identificação e engajamento com as questões ambientais e a valorização do trabalho dos extrativistas

O papel do reconhecimento

André Miranda e Gabriel Góes foram procurados pela WWF para construir a HQ, em live de lançamento no canal de YouTube da FTD Educação (disponível neste link: https://www.youtube.com/watch?v=FmYXk2_Wcu0) André Miranda diz:

O projeto inicialmente foi uma demanda da WWF para que a gente, foi uma proposta desde o começo interessante, que era fazer uma graphic novel, não fazer um material que fosse repetitivo né, que não fosse, não repetitivo, mas que não fosse um material muito, aquelas cartilhas educacionais e de repente, vamos assim, fazer uma graphic novel, um quadrinho, um gibi, só que consiga o engajamento, maior, principalmente para esse público jovem, pros projetos educacionais lá né, e de forma que eles leiam essa história e se reconheçam nela e, então assim, desde o começo tinha essa, essa, tinha essa necessidade né (informação verbal).¹

¹ Fala de André Miranda em live de lançamento da HQ no canal de YouTube da FTD Educação, em 30 nov. 2021.

Dirigida ao público jovem adulto, a HQ Mapinguari foi elaborada com um papel identitário e representativo significativo, refletindo a importância de dar voz e visibilidade às comunidades extrativistas da Amazônia. O parecer positivo recebido de pessoas que trabalham diretamente com esses grupos evidencia a relevância dessa representatividade na mídia e na cultura. Esse aspecto da representatividade é visível na própria narrativa da HQ, que aborda a importância do reconhecimento e da valorização dos saberes locais.

Um exemplo claro dessa preocupação está no projeto de jornal escolar da Resex, desenvolvido em parceria com a associação de moradores. O jornal é um espaço onde são publicados conteúdos sobre os conhecimentos tradicionais dos extrativistas, como práticas de segurança alimentar e técnicas de plantio adaptadas ao ecossistema da floresta. Além disso, o jornal serve como plataforma para dar voz aos próprios moradores, permitindo que suas histórias sejam contadas e reconhecidas. Na edição em questão, Francelino, líder da associação e pai de José, é o entrevistado, compartilhando seu orgulho por atuar na produção de borracha.

O jornal não apenas cumpre uma função educativa, mas também desempenha um papel crucial no reconhecimento e valorização das identidades locais. Ao dar visibilidade às experiências e saberes dos moradores da Resex, a HQ promove uma forma de resistência cultural e política, fortalecendo a autoestima das comunidades e reforçando a importância de suas lutas e tradições no contexto amazônico. Essa abordagem está alinhada com a visão de Stuart Hall (1997), que afirma que “nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente”. Hall argumenta ainda que

Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. Portanto, é fácil perceber por que nossa compreensão de todo este processo teve que ser completamente reconstruída pelo nosso interesse na cultura; e por que é cada vez mais difícil manter a tradicional distinção entre "interior" e "exterior", entre o social e o psíquico, quando a cultura intervém. (HALL, 1997, p. 26).

Indicando que a cultura e os discursos culturais desempenham um papel central na formação das identidades. Ao abordar três gerações de extrativistas, a HQ proporciona uma abrangente narrativa histórica que conecta desde os soldados da borracha, passando pelos participantes dos empates, até a juventude contemporânea. Essa abordagem não apenas constrói

uma representação rica dos personagens que habitam a floresta amazônica, mas também destaca a importância do reconhecimento.

A escolha de utilizar o formato do quadrinho para tratar das questões abordadas em Mapinguari revela-se uma decisão acertada, especialmente quando consideramos as características inerentes a essa mídia, conforme argumentado por Scott McCloud (2005):

Os quadrinhos oferecem recursos tremendos para todos os roteiristas e desenhistas: constância, controle, uma chance de ser ouvido em toda parte, sem medo de compromisso, oferece uma gama de versatilidade com toda a fantasia potencial do cinema e da pintura, além da intimidade da palavra escrita p.212 (McCloud, 2005, p.212)

McCloud destaca que os quadrinhos combinam a fantasia visual do cinema com a intimidade da palavra escrita, criando um poder expressivo único que engaja quem lê profundamente. Ao utilizar esse meio para abordar temas como a mobilização dos extrativistas e a preservação das florestas, Mapinguari potencializa sua mensagem de forma acessível e impactante, atingindo um público diversificado. A escolha do formato não é apenas estética, mas também uma estratégia política e pedagógica, reforçando o papel dos quadrinhos como ferramenta para a conscientização e promoção de mudanças sociais.

Um quadrinho de resistência

Finalista do Prêmio Jabuti 2022, a HQ está presente no catálogo White Ravens 2021, no qual a Biblioteca Internacional Juvenil de Munique (Alemanha) apresenta na Feira do Livro de Frankfurt lista que serve como referência mundial na indicação das melhores obras publicadas no ano. Também está presente no catálogo do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático), programa que distribui materiais de forma gratuita para as escolas públicas e instituições de educação infantil sem fins lucrativos e conveniadas inscritas no programa.

A recepção positiva da HQ pode ser atribuída principalmente à maneira sensível e profunda com que aborda as questões enfrentadas pelos extrativistas e indígenas. A obra se destaca pela representação cuidadosa desses grupos, evidenciando suas lutas e desafios de forma profunda e respeitosa. Além de ilustrar as dificuldades enfrentadas por essas comunidades, a HQ também contribui para a conscientização sobre suas realidades, promovendo uma discussão mais ampla sobre temas como a exploração territorial, o impacto ambiental e a justiça social. Ao capturar a complexidade e a diversidade das experiências vividas por esses grupos, a obra oferece

uma crítica relevante e enriquecedora sobre as questões socioambientais amazônicas enfrentadas também pelos ribeirinhos, quilombolas e camponeses.

A jornada de retorno para casa evidencia a dificuldade de acesso, uma vez que é necessário utilizar um ônibus interestadual, um táxi e 2 dias de barco. No entanto, essa dificuldade não é impedimento a ganância das empresas interessadas em desmatar a floresta para a criação de pastagens para gado. Logo, vemos José se articulando para cumprir o que de fato o levou à reserva. Frequentemente checando seu celular em busca de sinal, ele, já na primeira noite, vai ao bar para se informar sobre a venda das colocações (lotes dentro da floresta). "Me diga, que história é essa que tá vindo gente aqui comprar as terras?" (GÓES e MIRANDA, 2021, p.32).

Em um dos trechos "avermelhados"², que descreve o dia da morte do avô de José e o nascimento de seu pai, Francelino, alguns quadros em preto e branco são utilizados para indicar o período histórico em que a narrativa ocorre, com imagens da época, tais como a fotografia de Vargas e Roosevelt em 1943, o cartaz publicitário "Vai também para a Amazônia" do Chabloz para o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA). Esses quadros são apresentados conforme as notícias relatadas pelo menino jornalista, fornecendo um contexto temporal crucial para a narrativa, inserida na campanha "Marcha para o Oeste".

O programa empreendido pelo Estado Novo procurava atender à necessidade político-econômica de garantir a produção de borracha aos países aliados na Segunda Guerra Mundial, uma vez que os japoneses controlavam a quase totalidade dos seringais asiáticos. (LAURETTI, 2012)

O trecho é concluído com uma splash page representando uma imagem da época, que retrata os soldados da borracha sendo transportados em "pau de arara", em direção ao Norte. Esta ilustração enfatiza a magnitude e a aspiração da migração em busca de uma vida melhor. Cirne (1982) enfatiza que:

Ao se valer dos mecanismos da cultura de massa, o quadrinheiro, a rigor, compromete-se política e socialmente com o tempo histórico que marca a sua existência enquanto ser concreto no interior das classes sociais, assim como se compromete ao recusar esses mesmos mecanismos. De uma forma (dentro da cultura de massa) ou de outra (à sua margem), o artista de quadrinhos só tem um compromisso: com a realidade. Este compromisso, decerto, não se esgota em um realismo estreito, de cunho idealista. (CIRNE, 1982, p. 23)

² As páginas nos tons avermelhados representam passagens de sonhos e/ou memórias.

Dessa maneira, é evidente que Góes e Miranda escolheram incorporar fatos históricos na narrativa, comprometendo-se a trazer a realidade ao imaginário da HQ. Isso é consistente com uma das mensagens da obra: nosso horizonte se expande à medida que buscamos conhecimento, recurso potente na luta contra a opressão. Falando em realismo, Góes (2021) menciona:

O pessoal da W teve muito documentário, muito material assim, pra gente ver em detalhe, como que é o tratamento da borracha, como que é, por exemplo, as lanternas né, até gírias, a gente fez uma pesquisa bacana também dos animais, da vegetação, então tudo isso fortaleceu pra dar, não um realismo, assim, porque não é um desenho exatamente realista, mas para dar esse, essa ambiência real, assim né, do Brasil real né (informação verbal).³

Tendo essas importantes referências, roteirista e ilustrador de forma sensível e profunda, conseguiram construir uma narrativa poderosa que reflete sobre a realidade dos seringueiros na Amazônia, distante de ser idealista.

Moacy Cirne (1982) sustenta em suas obras que os quadrinhos transcendem o mero entretenimento, devendo ser abordados com uma leitura crítica e analítica. Mapinguari configura uma arte de resistência à medida que escancara a inescrupulosa ação dos negociantes de terra, que assediam e queimam as terras dos povos que vivem nas e das florestas amazônicas.

Faz-se necessário, portanto, uma arte de resistência, um quadrinho de resistência, seja politicamente, seja culturalmente. Uma arte e um quadrinho de resistência, inclusive ao nível econômico, devem lutar por um espaço artístico, semiológico e cultural próprio, ao lado daqueles que combatem qualquer espécie de imperialismo. (CIRNE, 1982, p. 21)

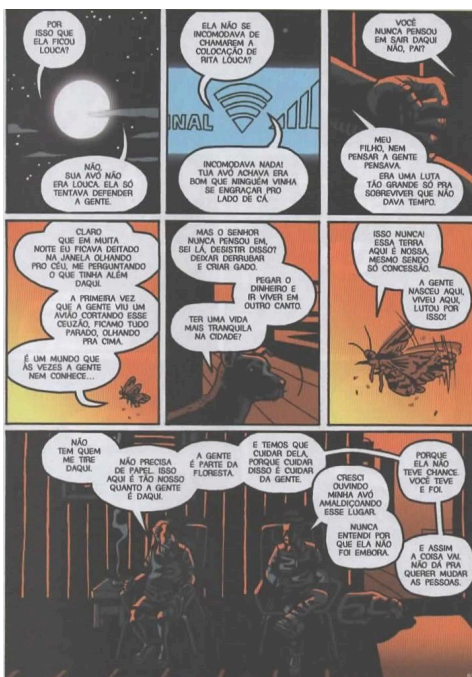
Ao final do quadrinho, José utiliza o dinheiro que ganhou para compartilhar com a comunidade, reforçando a mensagem de resistência e luta por justiça social. Cirne (1982) argumenta que “Precisa, com sua arte, participar da luta que propõe e proporá uma nova estrutura - que é, que só poderá ser, o socialismo” (CIRNE, 1982, p. 24).

A Carta aos Jovens do Futuro, escrita por Chico Mendes, aborda uma visão de transformação social e ambiental que promova uma integração harmoniosa e a paz entre os povos, Mendes projeta uma visão do futuro em que a luta pela justiça e pela preservação da natureza se transforma em um ideal global, evocando um "sonho" de unidade e transformação social. Este "sonho" reflete a esperança de um mundo melhor, livre dos sofrimentos e das injustiças que marcaram o passado.

³ Fala de Gabriel Góes em live de lançamento da HQ no canal de YouTube da FTD Educação, em 30 nov. 2021.

Embora tenha sido escrito há décadas, a afirmação de Cirne (1982) “O momento é de luta, em todos os níveis: políticos, econômicos, ideológicos e, por extensão, artísticos” continua relevante e persiste na atualidade. Isso se evidencia na medida em que projetos antagônicos, como o PL 6024, ameçam reduzir as terras que os povos das florestas conquistaram por meio de suas articulações e resistência.

Figura 01 – p. 53



Fonte: MIRANDA, André; GOÊS, Gabriel. Mappinguari. 1. ed. São Paulo: FTD, 2021.

Ao anoitecer, sentados na varanda, José pergunta ao pai sobre seu avô, que ele nunca conheceu. O velho homem também não o conheceu, mas menciona que talvez houvesse alguma foto na aldeia. José compartilha um sonho e questiona por que sua avó era considerada louca. O pai responde: “Não, sua avó não era louca. Ela só tentava defender a gente.” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.53). Ele explica que a avó se aproveitava dessa reputação para evitar problemas.

Quando José pergunta se o pai nunca pensou em sair dali, a resposta é clara: “Meu filho, nem pensar a gente pensava. Era uma luta só pra sobreviver que não dava tempo.” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.53). Essa fala revela a crua realidade enfrentada pelos moradores da floresta, onde a ideia de abandonar o local não surge como uma escolha, mas sim como uma impossibilidade imposta pela constante luta pela sobrevivência. A falta de perspectiva é evidente, não porque os personagens não desejem uma vida diferente, mas porque a luta diária para

manter-se vivo e proteger suas terras consome toda a energia e esperança, deixando pouco espaço para sonhos de mudança.

José insiste na ideia de deixar que derrubem tudo, de vender a colocação e viver na cidade, mas o pai é firme: “Isso nunca! Essa terra aqui é nossa, mesmo sendo só concessão. A gente nasceu aqui, viveu aqui, lutou por isso!” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.53). Ele enfatiza: “Isso aqui é tão nosso quanto a gente é daqui. A gente é parte da floresta. E temos que cuidar dela, porque cuidar disso é cuidar da gente.” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.53).

Esse diálogo não só revela a profunda conexão entre os personagens e a terra, reforçando que, para eles, a floresta não é apenas um lugar onde vivem, é uma parte essencial de sua identidade. O diálogo também encapsula a mensagem revolucionária da HQ. A cena, belamente construída com uma estética cinematográfica, destaca a resistência e a identidade coletiva dos moradores da floresta. Através dessa conversa entre pai e filho, o quadrinho transmite seu núcleo ideológico, reafirmando a importância de lutar pela preservação da terra e pela continuidade das tradições e dos valores que sustentam as comunidades amazônicas.

Figura 02 – p. 141



Fonte: MIRANDA, André; GOÉS, Gabriel. Mapinguari. 1. ed. São Paulo: FTD, 2021.

Nesta passagem em que Werneck, um latifundiário, vai até a colocação Santo Antônio perguntar por que José não voltou ao trabalho, no qual atuava como especulador imobiliário, vemos um ato simbólico. Werneck este Werneck, um latifundiário, vai até a colocação Santo Antônio perguntar porque José não voltou ao trabalho, no qual atuava como especulador imobiliário, vemos um ato simbólico, Werneck estende a mão para se despedir, a mão de José que

estava enfaixada começa a sangrar e ele dá um tchau de longe, fazendo valer o que Rita professou: “Vocês nunca mais hão de tocar no sangue da minha família!” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.90)

Em *Escrevivência: a escrita de nós*, Conceição Evaristo (2020) expõe “Em Ponciá Vicêncio, temos a representação do branco, com personagens também ausentes. Os brancos significam a personificação do poder. São eles os donos de terra.” Essa representação do branco como símbolo de poder e domínio se reflete igualmente em *Mapinguari*, na graphic novel, os dois personagens brancos que aparecem são latifundiários, os quais exercem pressão e assédio sobre os moradores das Resexs.

Esses personagens revelam sua verdadeira natureza desonesta, Miguel diz a José: "As pessoas precisam entender que não existe mais uma briga entre fazendeiros e seringueiros. Essa época de terror, de crimes, isso é coisa do passado" (GÓES; MIRANDA, 2021, p. 133). Eles insistem que comprem as terras para ajudar as pessoas, mas, na realidade, são os próprios responsáveis pelos incêndios criminosos, forçando os moradores das florestas amazônicas a se mudarem para as cidades, nas quais enfrentam condições de vida precárias e empregos mal remunerados.

A esse respeito, podemos destacar a fala da professora Iara: “Várias pessoas ricas estão se mudando pra áreas que eram favelas, mas que ficam na beira do mar. Com isso os preços estão subindo, expulsando as pessoas que moram nessas comunidades há anos” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.114). Essa observação ilustra que a especulação imobiliária e o denominado "progresso" não são fenômenos exclusivos das áreas urbanas, mas também afetam significativamente as regiões florestais. Tal colocação, não é incluída de forma inocente no texto e busca conscientizar quem lê sobre as complexas dinâmicas de deslocamento, problemas urbanos e transformação social provocadas por esses processos em diversas partes do país.

Rita, a louca

A avó, conta com a mesma força de Valdiza Alencar, mulher que decidida em agir pela defesa dos territórios, se deslocou até a capital para solicitar que o delegado da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), João Maia fosse até a sua reserva reunir os seringueiros, Martins (2023) descreve “andou a pé 80 km até Brasileia, daí pegou um ônibus para

Rio Branco, encontrou João Maia e marcou a reunião para a sua colocação.”, tornando-se a pioneira sindicalista do Acre. Diz ela em entrevista concedida ao jornal Varadouro em 1978:

Meu marido e eu fizemos estrada de corte, um pequeno campo e távamos começando a levantar uma casa quando as terras foram vendidas para uns paulistas. Eles começaram a derrubada da mata, iam derrubando e tomando devagarzinho as colocações. Aí a seringueirada ficou revoltada, porque procurava os seus direitos e não encontrava.

Apesar das negativas, ela não temia enfrentar os problemas, Martins (2024) comenta “Ela mesma diz que nunca teve medo de enfrentar os problemas, talvez por ter assimilado a coragem dos índios Maronaua, no meio dos quais viveu parte de sua vida.”. Assim como vó Rita viveu, e só vamos conhecer um pouco dela após um ritual sagrado com a ayahuasca, quando o cacique Pinhatã contar sua história apesar de José ter o procurado para saber de seu avô, “Seu avô foi boa gente, mas não posso falar muito mais do que isso porque conheci muito pouco ele. Mas se quiser posso te falar da sua avó, que essa eu conheci bem. E posso te garantir que você não conheceu ela de verdade.” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.79).

Diferente de vó Rita que não conseguiu sair da reserva, Valdiza foi morar na capital, Martins (2024) relata “Valdiza, que fez parte da diretoria da organização sindical, acabou trilhando por conta própria o caminho dos que, expulsos da floresta, iam formar o cinturão de miséria na capital”, embora a difícil realidade que vivia, compartilhava da preocupação de Rita, a educação dos seus.

No trecho avermelhado, durante o momento de organização do seringal após a saída dos seringalistas, uma mulher se levanta contra Rita, alegando que, por não ter marido, Rita poderia seduzir os homens da comunidade. Isso ilustra claramente como o machismo não apenas molda a percepção das mulheres sobre si mesmas, mas também influencia a forma como elas interagem e se veem dentro da comunidade. A acusação reflete uma internalização dos valores patriarcais que perpetuam a opressão das mulheres, revelando como tais normas podem ser reforçadas até mesmo pelas próprias mulheres. Em sua pesquisa de campo, Alves, Pinto, Caetano (2018), apontam:

As mulheres seringueiras mais idosas evidenciam, ainda, um discurso permeado por elementos que demonstram a submissão e a degradação social da mulher imposta pela cultura machista e mostram um certo conformismo com a sua posição social. (ALVES; PINTO; CAETANO, 2018, p.759)

Mesmo jovem, viúva e mãe solo, Rita brada neste momento: “Ele não fez nem meia dúzia de corte nessas seringa até morrer! Eu corto elas faz ano! Essas estradas são minhas, minhas e de Francelino! E qualquer um que tentar tirar elas de mim eu corto, que nem corto seringa. E vai sangrar que nem as árvores!” (GÓES e MIRANDA, 2021, p.94).

Este episódio não só destaca a batalha de Rita contra as normas machistas internalizadas, mas também serve como um comentário sobre a resistência e a resiliência das mulheres em contextos de opressão e exclusão.

Figura 03 – p. 96



Fonte: MIRANDA, André; GOÉS, Gabriel. Mapinguari. 1. ed. São Paulo: FTD, 2021.

Nesta cena, vemos um homem entrando pela noite na casa de Rita, que estava na rede, na sequência de quadros vemos a mão do homem em Rita, uma faca. E algo que se parece com o movimento da faca. Mais tarde, um grupo de homens confabula sobre o que pode ter acontecido com o homem que foi encontrado de maneira irreconhecível na mata, perguntam para o cacique o que pode ter sido e o mesmo afirma ser coisa de Mapinguari, deixando para o leitor o que pode ter acontecido, se foi a força de Rita por proteger a si mesma, seu filho e sua colocação ou ação do Mapinguari, comedor de carne.

Considerações finais

Diante do exposto, *Mapinguari*, de André Miranda e Gabriel Góes, é um quadrinho sensível aos problemas do momento presente, utilizando linguagem cinematográfica integrada por meio de sofisticadas técnicas de enquadramento e iluminação. Com sóbria articulação, emprega a arte da resistência para atrair o interesse do público para questões sociais. A obra se configura como um livro relevante e importante, tratando de questões socioambientais contemporâneas e condensando valores de nossa sociedade através do protagonista, criticando-os e provocando discussões necessárias.

Eisner (1989) pontua: “A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavras e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais”, fazendo com que a pessoa leitora tenha diversos caminhos a seguir na leitura do que está escrito, subscrito e ilustrado. Sobre isso, McCloud (2005) também diz: “a dança do visível e invisível está no âmago dos quadrinhos no poder de conclusão”.

Portanto, a leitura política da obra *Mapinguari* revela sua potencialidade para promover discussões acerca das lutas históricas e atuais dos povos da floresta, refletindo sobre a necessidade de resistência e organização comunitária, conforme defendido por Chico Mendes. A obra se destaca por sua capacidade de engajar e conscientizar, utilizando a narrativa gráfica como uma poderosa ferramenta de crítica social e política. Como afirma Cirne (1982) “sendo uma prática significativa carregada de bens simbólicos, os quadrinhos — situados no cerne da indústria cultural — respira política por todos os lados, à direita ou à esquerda, direta ou indiretamente. Já foi dito: não existem quadrinhos inocentes.”

Além disso, a leitura da obra sublinha a necessidade de proteção da floresta e respeito à história daqueles que nela moram, representando um quadro triste da contemporaneidade que está mudando através da organização e articulação da juventude das Reservas Extrativistas (Resex), que buscam fortalecer suas comunidades e lutar pela implementação e equidade de políticas públicas. Estes esforços visam promover melhorias nas condições de vida e incentivar o uso de tecnologias inovadoras na extração de recursos naturais, sempre com uma abordagem sustentável. Além disso, enfatiza a necessidade de garantir acesso adequado à educação e à saúde nas comunidades amazônicas.

Dessa forma, a leitura deste quadrinho é quase que necessária, pois fomenta o debate acerca dessas questões tão atuais e possibilita a evolução e aprendizagem de uma sociedade. A

leitura é relevante tanto para a juventude que vive nas Resex, permitindo-lhes se reconhecerem, quanto para aqueles que residem nos grandes centros urbanos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eva da Silva; PINTO, Auxiliadora dos Santos; CAETANO, Renato Fernandes. **Memórias de Mulheres Seringueiras na Reserva Extrativista Rio Ouro Preto/RO: Linguagem, Cultura e Identidade Amazônica** - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 738-761, dez. 2018. ISSN 2176-0675. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/6525/5255>>. Acesso em: 31 jul. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v10i2.6525>.

BAKHTIN, B. **Os gêneros do discurso**. In: _____. Os gêneros do discurso. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

CIRNE, Moacy. **Uma Introdução Política aos Quadrinhos**. 1. ed. Achiamé, 1982.

DUARTE, Constância Lima; Nunes, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FTD EDUCAÇÃO. **Lançamento Mapinguari**. YouTube, 30 nov. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FmYXk2_Wcu0.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LAURETTI, Patrícia. **Chabloz em cartaz**. Jornal da Unicamp, 15 out. 2012. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/542/chabloz-emcartaz>. Acesso em: 06/08/2024.

MARTINS, Elson. **Valdiza Alencar, pioneira sindicalista do Acre**. Xapuri Revista, 21 abr. 2023. Disponível em: <https://xapuri.info/valdiza-alencar-pioneira-sindicalista-do-acre/>. Acesso em: 27/07/2024.

_____. **A mulher do sindicato**. Varadouro, 18 mar. 2024. Disponível em: <https://ovaradouro.com.br/a-mulher-do-sindicato/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Trad. Hélcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Pato. São Paulo: M. Books, 2005.

MIRANDA, André; GOÉS, Gabriel. **Mapinguari**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2021.

PORTAL CONTEÚDO ABERTO. **Entrevista com André Miranda, um dos autores do livro Mapinguari**. 2021. Disponível em: <https://portalconteudoaberto.com.br/cliq-ue-literario/entrevistando/entrevista-com-andre-miranda-um-dos-autores-do-livro-mapinguari/#:~:text=Andr%C3%A9%20Miranda%20%C3%A9%20dir%20de,v%C3%A1rios%20pr%C3%AAmios%20por%20esses%20trabalhos>. Acesso em: 30 jul. 2024.